



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia alusiva à visita às instalações da futura fábrica de antirretrovirais**

**Maputo-Moçambique, 10 de novembro de 2010**

Meus amigos moçambicanos,  
Meus amigos brasileiros,  
Companheiro ministro da Saúde, Alexandre Manguela, ministro da Saúde de Moçambique,  
Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,  
Meu querido companheiro Temporão, ministro da Saúde do Brasil,  
Companheiro Gabas, ministro da Previdência Social,  
Nossa querida Maria Elias Jonas, governadora da província de Maputo,  
Nosso querido companheiro senador Crivella, que tanto tem contribuído para o sucesso da relação Brasil-Moçambique,  
Meu caro Vasco Tembe, primeiro-secretário do Comitê Provincial,  
Embaixadores,  
Nossos queridos companheiros da Fiocruz, uma delegação aqui... Até pensei que a Fiocruz estava em greve no Brasil, tal é a quantidade de gente aqui.  
Meu caro Paulo Gadelha, presidente da Fiocruz,  
Meu caro Hipólito Hamela, presidente do Conselho de Administração do Instituto de Gestão de Participação do Estado,  
Amigos e amigas,

Eu estou terminando a minha turnê de oito anos pelo continente africano. Essa passagem minha por Moçambique é a última viagem que eu faço à África como presidente da República do Brasil.



Eu penso que nós avançamos, de forma extraordinária, no aperfeiçoamento e na retomada das relações com o continente africano. Eu não conheço outro momento na história do Brasil em que não apenas o presidente da República, mas ministros brasileiros, de todas as áreas, sobretudo o Ministro das Relações Exteriores, viajaram tanto para o continente africano como nós viajamos nesses últimos oito anos.

E, muitas vezes, por mais que nós tenhamos trabalhado, por mais que nós tenhamos nos dedicado, as coisas nem sempre acontece com a rapidez dos nossos sonhos. Eu digo sempre que é mais fácil sonhar do que realizar. E nós sonhamos muito em ajudar o continente africano, não só porque temos uma dívida histórica, que não pode ser mensurada em dinheiro, em matéria, mas que pode ser mensurada em solidariedade. É que, às vezes, eu fico num misto de excesso de otimismo pelas coisas que fizemos e num misto de excesso de tristeza, porque as coisas não andaram com a rapidez que eu imaginava que fosse andar.

Esta fábrica de antirretrovirais e outros medicamentos é um exemplo disso. Se a gente não viesse aqui, em 2008, instalar o primeiro escritório da Fundação Oswaldo Cruz e assumir o compromisso desta fábrica, certamente nós não estaríamos aqui, agora, discutindo a fábrica.

A verdade é que nós tivemos problemas, problemas financeiros que a Vale assumiu a responsabilidade de colocar R\$ 4,5 milhões, se não me falha a memória, parece que o cheque já está assinado... de dólares, de dólares. É porque como o real está muito valorizado, daqui a pouco, daqui a pouco é mais charmoso falar em real do que em dólar. Mas eu acho...

Mas era para a gente estar inaugurando esta fábrica hoje. Faltou um pouco de *plata* aqui, em Moçambique e a Vale agora está fazendo essa reparação, colocando dinheiro para que a gente possa finalmente imaginar que, em 2012, nós estaremos inaugurando definitivamente a fábrica.

Da parte brasileira, todas as máquinas necessárias já estão contratadas



e encomendadas, porque essas máquinas de produção de medicamento não são como automóveis, que a gente vai a uma revendedora e tem uma penca de automóveis para a gente escolher, essas máquinas são feitas por encomenda. Então, a Fiocruz já encomendou todas as máquinas. A partir de março desse ano, em junho, essas máquinas estarão chegando aqui em Moçambique, começarão a serem instaladas. O pessoal está treinando aquele remédio que vocês viram, aquela máquina funcionando ali. Aquele remédio é um remédio de farinha, aquilo é só para que o pessoal aprenda até começar a produzir o remédio verdadeiro.

O que é importante? É que nós vamos ter a capacidade de produzir 250 milhões de comprimidos/ano, só para Sida, porque aqui eles falam como os portugueses: Sida. *Entonces...* Então, 250 milhões de comprimidos/ano. As pessoas tomam quantos comprimidos, cada pessoa?

\_\_\_\_\_ : (incompreensível)

**Presidente:** Veja, há um dado, há um dado importante, que é o seguinte: é que essa fábrica aqui, ela vai poder suprir não apenas as necessidades de Moçambique, mas ela vai poder atender outros países africanos.

O fato de nós estarmos construindo a primeira fábrica de medicamento genérico para combater a Aids no continente africano pode ser anunciado quase como uma revolução. Para vocês terem dimensão do que nós estamos falando, no Brasil, nós entregamos remédios para 138 mil pessoas. Aqui, tem 400 mil pessoas que não recebem remédio, ou seja, tem três vezes mais do que as pessoas que no Brasil recebem remédio, precisando de remédio.

Então, esta fábrica, na hora em que ela estiver produzindo, ela vai, primeiro, libertar o povo de Moçambique de ficar subordinado a laboratórios, normalmente dos países desenvolvidos, da importação de remédio, e vai permitir que a gente possa, em nome do Estado moçambicano, atender aos



doentes de Moçambique.

Então, eu quero dar os parabéns aos companheiros da Fiocruz. Quero dar, Celso Amorim, os parabéns aos companheiros da ABC, quero dar os parabéns ao Ministério da Saúde, à Farmanguinhos. E quero dizer para vocês o seguinte: tudo o que a gente fizer ainda é pouco diante do que nós sempre teremos para fazer. Ou seja, nós estamos lutando contra o atraso secular, nós estamos lutando contra coisas que deveriam ter sido feitas há 30, 40, 50 anos e que não foram feitas e, portanto, nós estamos correndo atrás do prejuízo. A nossa geração é a geração que está fazendo as reparações que deveriam ter sido feitas em outros momentos.

E não é correto, humanamente, que o continente africano, que foi ocupado durante tanto tempo por países ricos, seja pobre, e que os países ricos que ocuparam não tenham a menor importância com o que está acontecendo com o continente africano. Nós não temos o direito de ficarmos quietos diante disso.

Eu sei que o Brasil ainda é um país pobre. O Brasil é um país que, vocês sabem, africano, porque nós somos a segunda população negra do mundo, só perdemos da Nigéria. E nós estamos convencidos de que o que Brasil está fazendo é apenas a sua obrigação. É uma pena, Celso, que em outros governos as pessoas preferiam olhar para os olhos verdes da Europa do que para os olhos castanhos da África. É uma pena.

Então, sempre há tempo de recomeçar. E eu espero, Governadora, eu espero estar aqui como convidado, porque nós temos uma Presidenta que vai tomar posse no Brasil, no dia 1º de janeiro. Eu espero estar convidado para tirar o primeiro comprimido, junto com o Guebuza, produzido das máquinas da nova fábrica de antirretrovirais e outros medicamentos.

Parabéns e boa sorte ao povo de Moçambique.

(\$211B)